



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

JACSON BALDOINO SILVA

AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO SEMIÁRIDO BAIANO

Conceição do Coité - BA
2017

JACSON BALDOINO SILVA

AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO SEMIÁRIDO BAIANO

Monografia apresentada ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, do Departamento de Educação – Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de graduado em Letras/Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucia Maria de Jesus Parceró

Conceição do Coité - BA
2017

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Departamento de Educação – Campus XIV - UNEB

S586e Silva, Jacson Balduino
As construções de tópico no semiárido baiano. – Jacson Balduino
Silva. Conceição do Coité: O Autor, 2017.
44fls.:il.: 30 cm.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Maria de Jesus Parcerro.
Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Estado da
Bahia, Departamento de Educação, Conceição do Coité, 2017.

1. Português do Semiárido. 2. Tópico. 3. Sociolinguística.
Sociolinguística. I. Parcerro, Lúcia Maria de Jesus. II. Universidade
do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus XIV.
III. Título.

CDD: 469.7

JACSON BALDOINO SILVA

AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO SEMIÁRIDO BAIANO

Monografia apresentada ao curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, do Departamento de Educação – Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia, como parte do requisito para obtenção título de graduado em Letras/Português.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lucia Maria de Jesus Parcero – Orientadora

Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Assinatura: _____

Prof. Dr. Carlos Felipe Pinto

Universidade Federal da Bahia

Assinatura: _____

Prof. Ms. Moacir da Silva Côrtes Junior

Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Assinatura: _____

Dedico este trabalho àqueles que foram um apoio para mim nesse tempo!

**À minha família, de forma particular minha mãe e irmã; aos meus tios –
sem vocês não teria conseguido!**

Merci Beaucoup !

AGRADECIMENTOS

“Ao Senhor dai graças, seu nome invocai,
dentre os povos seus feitos de amor proclamai”
(*Dai graças*, da Banda Dominus)

Gratidão ao Senhor por todos os seus feitos de amor ao longo desses anos. Verdadeiramente, pude tocar no seu amor providente que nunca faltou. Obrigado a todos aqueles que foram canal de Deus ao longo desses anos.

Obrigado, de forma particular, aos meus familiares; sem vocês eu não teria conseguido. Peço perdão pela minha ausência ao longo desses anos e agradeço pela compreensão de cada um (ESSE DIPLOMA É NOSSO!).

Obrigado à Comunidade O Verbo de Vida, minha família espiritual, que ao longo desses anos pode me carregar na oração e no coração, compreendendo minha ausência, mas acima de tudo me amando; sem vocês eu também não teria conseguido.

Obrigado aos meus colegas de turma por todas as alegrias e penas vividas ao longo desses anos.

Obrigado a todos os professores do curso de Letras, com os quais tive a oportunidade de conviver e que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação acadêmica.

Agradeço, por fim, a minha orientadora, Lucia Parcero, pelo seu incentivo, confiança e companheirismo. Muito obrigado.

“Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”.

(Clarice Lispector)

RESUMO

Esse trabalho investiga a realização das construções de tópico na variedade linguística em uso de comunidades rurais do semiárido baiano. A partir da nova tipologia das línguas proposta por Li & Thompson (*apud* PONTES, 1987) classifica-se o português do Brasil como uma língua em que há proeminência tanto de tópico como de sujeito, na qual as duas construções são realizadas de forma distintas. Os pressupostos teóricos usados são da sociolinguística paramétrica, que articula pressupostos da teoria Gerativista e da Sociolinguística. Relacionando essas duas disciplinas analisa-se o tópico como um elemento sintático-discursivo, buscando verificar se a sua realização ou não está ligada a fatores extralinguísticos. O *corpus* é formado a partir de 9 inquéritos selecionados da *Coleção Amostra da Língua Falada no Semiárido Baiano* (ALMEIDA & CARNEIRO, 2008). E os objetivos deste trabalho são: (i) seleção das construções de tópico encontradas nas entrevistas; (ii) análise e classificação dessas construções a partir da proposta de Araújo (2009); (iii) a relação das construções com fatores extralinguísticos como *idade*, *sexo* e *escolaridade*. A metodologia utilizada é de pesquisa bibliográfica, analisando os dados numa perspectiva qualitativa-quantitativa. Com isso, verifica-se neste trabalho que o português brasileiro é uma língua que possibilita ambas organizações sintáticas, tanto de tópico-comentário como de sujeito-predicado, e que essas construções não devem ser consideradas nem superiores, nem inferiores, mas realizações possíveis dentro da proposta de produção do falante, seja ele homem ou mulher, jovem ou velho, escolarizado ou não.

PALAVRAS-CHAVE: Português do Semiárido. Tópico. Gerativismo. Sociolinguística.

RESUMEN

Este trabajo investiga la realización de las construcciones de tópico en la variedad lingüística en uso de comunidades rurales del semiárido bahiano. A partir de la nueva topología de las lenguas que propusieron Li y Thompson (apud PONTES, 1987), se clasifica el portugués brasileño como una lengua en la que hay prominencia tanto de tópico como de sujeto en la que las dos construcciones se realizan de formas distintas. Se toma como marco teórico la propuesta de la Sociolingüística paramétrica, que relaciona las propuestas de la Teoría Generativa y la Sociolingüística. Al relacionar las dos disciplinas, se analiza el tópico como un elemento sintáctico-discursivo, buscando verificar si su realización o no está ligada a factores extralingüísticos. El corpus está constituido por 9 entrevistas seleccionadas de la *Coleção Amostra da Língua Falada no Semiárido Baiano* (ALMEIDA y CARNEIRO, 2008). Los objetivos de esta investigación son: (i) seleccionar las construcciones de tópicos observadas en las entrevistas; (ii) analizarlas y clasificarlas a partir de la propuesta de Araújo (2009); (iii) relacionarlas con factores extralingüísticos, como edad, sexo y escolaridad. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica, analizando datos en una perspectiva cualitativa-cuantitativa. Con ello, se constató que el portugués brasileño es una lengua que exhibe ambas estructuras sintácticas, tanto las de tópico-comentario como las de sujeto-predicado, y que no se deben considerar esas construcciones ni superiores ni inferiores, sino realizaciones posibles dentro de la propuesta de producción del hablante, sea hombre o mujer, joven o anciano, culto o no.

PALABRAS CLAVE: Portugués del Semiárido. Tópico. Generativismo. Sociolingüística.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES	27
QUADRO 2: QUADRO GERAL DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO	33
QUADRO 3: TÓPICO E FAIXA ETÁRIA.....	39
QUADRO 4: TÓPICO E SEXO.....	40
QUADRO 5: TÓPICO E ESCOLARIDADE.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS

CT	Construções de Tópico
GT	Gramática Normativa
PB	Português do Brasil
SN	Sintagma Nominal
SP	Sintagma Preposicional
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto (Complemento)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
2.1 AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO	14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
3.1 O <i>CORPUS</i>	24
4 A ANÁLISE DOS DADOS	28
4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS	28
4.2 AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO <i>CORPUS</i>	32
4.2.1 TÓPICO PENDENTE	33
4.2.2 TÓPICO SUJEITO	34
4.2.3 TÓPICO CÓPIA.....	35
4.2.4 TÓPICO PENDENTE COM RETOMADA	35
4.2.5 TOPICALIZAÇÃO DE OBJETO DIRETO	36
4.2.6 TÓPICO LOCATIVO	37
4.2.7 TOPICALIZAÇÃO SELVAGEM.....	38
4.2.8 DUPLO SUJEITO	38
4.3 AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO E OS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS.....	38
4.3.1 FAIXA ETÁRIA	39
4.3.2 SEXO.....	40
4.3.3 ESCOLARIDADE.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Um estudo que se interesse por outras formas de organização sintática de constituintes numa sentença, que não a ordem sujeito-verbo-objeto, torna-se extremamente relevante para a desconstrução da homogeneização linguística proposta pelas instituições de ensino. É relevante socialmente porque mostra que entre a norma prestigiada e a não prestigiada há somente diferenças organizacionais e não “erros” linguísticos como definem as gramáticas normativas. Estas têm partido do pressuposto de que todas as línguas possuem uma predicação de tipo sujeito-predicado, licenciando estruturas que ordenam os sintagmas na sentença a partir da sua função sintática, sendo de *sujeito-verbo-complemento*. E, segundo Perini (2006), geralmente tem-se a ideia de que essas funções sintáticas definem todas as relações entre os constituintes e que esgotam todo o assunto. Contudo, estudos como este observam que essa forma de predicação e, portanto, essa ordem colocada como canônica, não é comum a todas as línguas, mas se diferenciam a partir da orientação que estas podem tomar: uma orientação para o *discurso* ou para a *sintaxe*.

Nesse contexto, pretende-se nesse trabalho investigar as construções de tópico em uso na fala de comunidades do semiárido baiano, com o objetivo de conhecer as formas de organização dos constituintes dentro dessa variedade linguística, relacionando-as com fatores que ultrapassam a estrutura da língua como idade, sexo e nível de escolaridade dos informantes. Nessa relação dos dados com fatores extralinguísticos o presente trabalho embasa-se em alguns pressupostos da Sociolinguística, que busca evidenciar que há uma relação entre linguagem e sociedade. Como afirma Hora e Baltor (2007), um comportamento linguístico pode ser considerado estável ou processual quando confrontado à faixa etária. Segundo os autores, o sexo pode ser um condicionador da heterogeneidade linguística, ou seja, que homens e mulheres utilizam-se de padrões linguísticos diferentes; e o nível de escolaridade é o principal fator na escolha de uma variante em relação à outra. Em relação à escolaridade, procura-se estabelecer se falantes com maior nível de escolaridade produzem mais ou menos construções de tópico.

Levanta-se a hipótese de que todos os tipos de construções de tópico elencadas por Araújo (2009), ao pesquisar a variedade linguística de comunidades afrodescendentes, podem ser encontradas na variedade de comunidades do semiárido baiano. Dentre as definidas pela

autora, acredita-se que a mais realizada é a Topicalização do Objeto Direto¹ e que os fatores extralinguísticos (idade, sexo e escolaridade) não influenciam na construção ou não de estruturas de tópico-comentário.

Portanto, este estudo sobre as construções de tópicos busca desconstruir a homogeneização linguística imposta, mostrando que tanto construções do tipo tópico-comentário como sujeito-predicado, são reais, possíveis e realizadas dentro do português do Brasil, particularmente na variedade linguística utilizada por falantes no semiárido baiano. Com esse objetivo, apresenta-se no primeiro capítulo os pressupostos teóricos para as construções de tópico, com autores relevantes no que concerne à temática, visto que há um grande número de pesquisa realizadas nessa área. No capítulo seguinte é apresentado o caminho metodológico percorrido para a identificação, seleção, análise e classificação dos dados encontrados. Já no terceiro capítulo tem-se amostras das construções de tópicos encontradas nos inquéritos analisados, estabelecendo, também, uma relação com fatores extralinguístico de idade, sexo e escolaridade.

¹ É uma hipótese de Araújo (2009) que o autor toma também neste trabalho.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO

As gramáticas normativas (doravante GT) partem do princípio geral de que a organização dos constituintes na sentença acontece a partir da relação de predicação do tipo sujeito-predicado, licenciando somente uma ordem: Sujeito-Verbo-Objeto (doravante SVO), mas a organização dos constituintes na sentença pode se dar por um fator puramente gramatical, como a ordem SVO, ou os constituintes podem organizarem-se por um fator funcional, como a ordem Tópico-Comentário. Portanto, o português não é “nem tão livre, nem tampouco tão solto” (TARALLO, 1990, p. 148), mas segue um padrão organizacional que pode não ser puramente gramatical. Dentro do português do Brasil (doravante PB) estudos como o de Pontes (1987), Galves (1998), Vasco (2006), Araújo (2006, 2009), Munhoz (2011), Kato (2016), nas suas diferentes orientações metodológicas, já observaram que há outra possibilidade de predicação no PB: tópico-comentário; na qual existe um sintagma que funciona como tópico (informação pressuposta) da sentença, seguido por um comentário (informação asserida).

Esse tipo de estrutura pode ser encontrada com maior frequência na língua oral em uso, seja de falantes escolarizados ou não-escolarizados. E, como afirmam os dados da pesquisa de Vasconcelos (1996 *apud* SILVA & ALVES, 2014)², a topicalização³ não é mais um fenômeno somente da oralidade, mas acontece frequentemente na escrita. Com isso, percebe-se que “o fenômeno está enraizado em nossa língua e, por isso, se manifesta nas mais diversas situações, desde as mais informais até as mais formais” (SILVA & ALVES, 2014, p. 51).

(1) — E a Rosa?
— A Rosa eu falei com ela ontem.

(2) — Tô procurando a Vanda.
— A Vanda eu acho que tá dando aula

(PONTES, 1987, p. 14; grifos meus).

² Não foram encontrados os originais dos textos de Vasconcelos (1996) e Azeredo (2008), por isso cita-se a partir de Silva & Alves (2014).

³ Na literatura corrente percebe-se uma problemática em relação às nomenclaturas de *tópico*, *topicalização* e *deslocamentos*. Contudo, como não é o objetivo deste trabalho uma revisão desses conceitos aqui serão utilizados como sinônimos, remetendo apenas à noção de ‘construções de tópico’.

Em (1) e (2) tem-se exemplos de construções de tópico (doravante CT) e percebe-se não só uma orientação sintática, mas, e principalmente, uma orientação discursiva das construções, nas quais o sintagma nominal (doravante SN) inicial não é o sujeito da sentença, mas um SN dado pelo discurso, que está iniciando a sentença e sendo retomado por um pronome lexical e uma lacuna, respectivamente, em seu lugar canônico. Nesse tipo de construção é preciso levar em consideração não somente o contexto linguístico da sentença, mas também o contexto discursivo para estabelecer a relação entre o tópico e a sentença.

Assim, como afirma Perini (2006), essas construções são apenas um dos problemas encontrados durante a análise sintática de algumas sentenças. Isso acontece porque, “em geral, temos a ideia de que essas funções definem as relações entre os constituintes, e que são mais ou menos suficientes para esgotar o assunto: todas, ou quase todas, as frases do português seriam analisáveis em termos dessas funções sintáticas” (PERINI, 2006, p. 189) – sendo os outros tipos de construções definidos como exceções, ganhando algumas páginas aos finais dos compêndios normativos, com o nome de figuras de sintaxe, de linguagem, de construção, de estilo⁴.

Essa dupla predicação já havia sido observada por Pontes (1987) e, recentemente, por diversos autores como Galves (1998) e Vasco (2006), no que diz respeito ao PB. Os estudos desses autores fundamentam-se na nova tipologia das línguas proposta por Li e Thompson (1976 *apud* PONTES, 1987), segundo a qual as línguas poderiam ser divididas em quatro grupos, de acordo com a predominância de sua predicação:

- a) línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como de sujeito-predicado;
- b) línguas com proeminências de tópico em que a estrutura das Ss é mais bem descrita como de tópico-comentário;
- c) línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há as duas construções diferentes;
- d) línguas sem proeminência de sujeito ou tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclaram e não se distinguem mais os dois tipos (PONTES, 1987, p. 11).

Durante muito tempo acreditou-se que o PB fosse uma língua de primeiro tipo, no qual as estruturas são, predominantemente, do tipo sujeito-predicado, por isso a definição de

⁴ Geralmente essas construções são apresentadas no “apêndice” dos compêndios normativos; o apêndice é definido como um elemento adicional ao texto, utilizado somente para completar uma argumentação. No PB essa argumentação, para as GT, deve apresentar uma estrutura de predicação sujeito-predicado e tudo que fugir dessa estrutura é relegada. Outro equívoco dos compêndios normativos é a definição dessas construções “mal formadas” como figuras de sintaxe, sem a devida distinção entre estas e as figuras de linguagem e de pensamento, com exceção de alguns gramáticos como Faraco & Moura (1999). Em relação a essa distinção e sua relação com as construções de tópico ver Silva, Aragão & Parcero (2016) e Silva e Parcero (2017).

determinadas estruturas como figuras de sintaxe, ou seja, estruturas que fogem da ordem canônica desse tipo de predicação, servindo não como modelo, mas somente como ‘figuras’, formas possíveis de serem usadas em contextos específicos. Contudo, Pontes (1987, p. 39) afirma que “não é exagero pensar que se L&T estão certos em sua proposta de tipologia, o português é no mínimo uma língua de terceiro tipo, em que as duas noções são proeminentes”.

(3) *Os livros, eles* estão em cima da mesa.

(4) *Dessa cerveja* eu não bebo.

(PONTES, 1987, p. 12; grifos meus)

Pontes em seus estudos sobre o PB⁵ chamou a atenção para sentenças como (3) e (4) que apresentam outra forma de predicação, podendo ser classificadas como CT. Em (3) tem-se um SN deslocado à esquerda retomado por um pronome na posição de sujeito; em (4), um SN com função de objeto direto deslocado para o início da sentença, sem retomada no seu lugar canônico (pós-verbo). Segundo a autora é a partir da análise de sentenças desse tipo que se percebe a difícil distinção em relação às noções de tópico-comentário e sujeito-predicado⁶.

E, para Araújo (2006), essas duas formas de predicação são resultado de duas possíveis realizações sintáticas nas línguas: uma *marcada* e outra *não-marcada* que vivem entre si uma tensão – como afirma Tarallo (1990) em relação a essas formas –, pois algumas palavras, como os advérbios, são livres em relação à sua posição, enquanto outras preferem (ou são preferidas em) uma única ordem, como os sujeitos.

Segundo Araújo (2006, p. 18), a forma não-marcada é manifestada pela ordenação dos constituintes na sentença, ou seja, “reflete o padrão usual da língua, uma ordem canônica de constituintes estabelecidas dentro da própria língua”; as construções de sujeito-predicado seriam analisáveis dentro dessa forma não-marcada, por se constituírem a partir da ordenação dos constituintes. A forma marcada, por sua vez, é responsável por uma maior exploração das possíveis posições sintáticas em determinada língua, podendo afastar-se da ordem canônica, “não no sentido de um desvio, mas de [uma] opção que o usuário da língua tem de explorar as posições sintáticas disponíveis em sua língua, numa ordem de constituintes diferentes da canônica” (ARAÚJO, 2006, p 18). As CT, portanto, são formas marcadas que se constituem a partir do deslocamento de um sintagma para o início da sentença. Marcadas porque o

⁵ Particularmente *Sujeito: da sintaxe ao discurso* (1986) e *O tópico no português do Brasil* (1987).

⁶ Em relação a essa difícil distinção ver Pontes (1986) e Munhoz (2011) que abordam a questão do tópico como sujeito e a problemática da distinção do ponto sintático dessas construções.

constituente que inicia a sentença tem uma função discursiva e, geralmente, há uma pausa sensível entre o tópico e o comentário, marcada na oralidade por uma pausa e na escrita por uma vírgula.

Para exemplificar, Araújo (2006, p. 18) apresenta dois exemplos:

- (5) A: Quando João comprou o livro?
B: João comprou o livro ontem.

- (6) A: Quando você vai visitar João?
B: João, vou visitá-lo amanhã.

Em (5B) teríamos uma forma não-marcada que legitima a ordem canônica SVO. Contudo, nessa sentença o sujeito, o SN *João*, é também o tópico, isso quer dizer “que o sujeito está na posição de tópico, e a posição de sujeito interna ao IP [*InflectionalPhrase* ou Sintagma de Flexão] deve estar preenchida por *pro* [Pronominal – forma fazia, usada com verbos flexionados]” (ARAÚJO, 2006, p. 19)⁷. Para Araújo é preciso considerar que mesmo nesse tipo de sentenças o sujeito está deslocado à esquerda, como é representado em (7), ou seja, o sujeito ocupa tanto a posição de tópico quanto de sujeito, porque é o elemento discursivo dado que direciona a construção da sentença e sofre concordância com o verbo.

- (7) [João [*pro* comprou o livro ontem]]

(ARAÚJO, 2006, p. 19)

Em (6B) o SN *João* tem somente a função de tópico, forma marcada que apresenta, geralmente, uma “pausa [...] característica do tópico” (PONTES, 1987, p. 36). As CT são formas marcadas que se constituem a partir do deslocamento de um SN para o início da sentença, podendo ou não ser retomado internamente (ARAÚJO, 2006; CUNHA, 2016); como em (6B) no qual o SN *João*, deslocado à esquerda, é retomado pelo pronome *-lo* dentro da sentença.

Assim,

Poderíamos dizer, então, que a gramática determina através de suas regras, a configuração não-marcada da ordem das palavras, e que sobre essa se imporá o princípio funcional que atribuíra colorações estilísticas diferenciadas aos enunciados na medida em que a ordem básica é quebrada.

⁷ Optou-se por colocar nas citações que tiverem siglas as explicações entre colchetes. Ressalta-se que são explicações da(s) própria(s) autora(s), geralmente colocadas nas Listas de Abreviaturas.

Apesar, porém, da sobrevivência e da atuação do princípio funcional, a gramática dirá “*não*” ao princípio funcional se, com a ruptura da ordem básica por ela determinada, as funções gramaticais se perderem (TARALLO, 1990, p. 149-150).

Com isso, percebe-se que enquanto o princípio funcional não romper a estrutura canônica dos constituintes, esta será aceita como única forma possível de predicação, como acontece em (6B); por isso a difícil distinção entre estruturas SVO e de construções de Tópico Sujeito⁸.

(8) Café eu tomo de manhã cedo.

(9) Eu só tomo de manhã cedo, café.

(PERINI, 2006, p. 193 e 194; grifos do autor)

Como forma marcada o tópico é definido como “o deslocamento de um sintagma de sua posição ‘neutra’ [forma não-marcada] para o início da frase” (AZEREDO, 2008 *apud* SILVA & ALVES, 2014, p. 48). Esse deslocamento de um sintagma pode ser feito tanto à esquerda – (8) –, como à direita – (9). Como o tópico tem, também, um caráter discursivo é mais comum que seu deslocamento seja realizado à esquerda, já que esse sintagma deslocado é responsável por direcionar o tema/assunto da sentença ou do discurso⁹, sendo esse algo recuperável no texto ou no contexto e de conhecimento dos interlocutores, direcionando o que será dito. Acredita-se ser essa função introdutória, referencial do tópico que faz com que seu deslocamento à direita não seja muito realizado, uma vez que não se introduz – no contexto dessas construções – nada ao final da sentença; mas devido à extensão desse trabalho não se desenvolverá esse aspecto.

É essa função do tópico de *ser um referencial discursivo* que o situa num sistema de interface, ou seja, localizado entre a sintaxe e o discurso, porque, como afirma Neves (1997), é nessa integração de diversos componente que se constitui o paradigma funcionalista¹⁰. Assim, a gramática “parece ser internamente estruturada como um organismo, dentro do qual alguns

⁸ As construções de Tópico Sujeito serão apresentadas no capítulo 3, mas pode-se consultar o trabalho de Munhoz (2011) que pesquisou a questão dos tópicos sujeitos genitivo e locativo para se entender melhor esse problema.

⁹ O tópico, segundo Perini (2006), pode direcionar tanto a sentença (tópico sentencial) como o discurso (tópico discursivo). No entanto, o autor aborda o direcionamento sintático e discursivo de forma independente, neste trabalho esses direcionamentos são abordados como interfaces de um mesmo sistema. Entenda-se *interface* como a ligação entre dois sistemas que não poderia se conectar, no caso, a sintaxe e o discurso.

¹⁰ Observe-se que a abordagem funcionalista não é a utilizada neste trabalho, contudo não se pode deixar de ressaltar a importância desse fenômeno linguístico para essa corrente teórica.

subsistemas são mais proximamente relacionados entre si” (NEVES, 1997, p. 24). Portanto, nas CT, são os subsistemas discursivo e sintático que estão estreitamente relacionados¹¹.

Perini (2006) ao abordar as CT, como também os mecanismos de topicalização¹², fala sobre *tópico sentencial* e *tópico discursivo*. Para o autor esses dois tipos de tópico estão dentro do “problema” das CT¹³, já que essas construções “podem ser distinguidas em dois tipos nitidamente diferenciados: os **tópicos sentenciais** e os **tópicos discursivos**” (PERINI, 2006, p. 189; grifos do autor). Segundo o autor, as CT de tipo sentencial são construções na qual o sintagma que inicia a sentença pode ser analisado em termos de sua função sintática, ou seja, esse, geralmente, possui um lugar canônico na sentença.

(10) **Café** eu só tomo de manhã cedo.

(11) Eu só tomo **café** de manhã cedo.

(PERINI, 2006, p. 190; grifos meus)

Com isso, afirma-se, juntamente com Perini (2006), que o sintagma café em (10) e (11) não são apenas objetos diretos, mas em (10) é alguma coisa mais, a que se chama de tópico sentencial, sendo seguido por um comentário. Por isso, em (10) o SN *café* tem uma dupla função: objeto direto (sintática) e tópico (discursiva).

O tópico sentencial está ligado mais à língua escrita, pois é responsável pela não correspondência semântica entre as sentenças, apesar da organização sintática dos sintagmas serem semelhantes, como em (10) e (11) que apesar de terem os mesmo sintagmas não são iguais do ponto de vista semântico; são estruturas parecidas sintaticamente, mas não são semanticamente. O tópico discursivo¹⁴, por sua vez, está mais ligado à língua falada - sendo raro na escrita -, porque o elemento topicalizado pode não encontrar uma correspondência sintática com os outros sintagmas na sentença, ligando-se discursivamente. Apesar de ser raro, percebe-se que as construções de tópico discursivo em língua escrita são possíveis como (12) e (13).

¹¹ Segundo Kenedy (2013) a linguagem organiza-se por sub-módulos, responsáveis por cada uma das áreas gramaticais: fonológica, morfológica, lexical, sintática, semântica e pragmática (ou discursiva).

¹² Para Perini (2006) os mecanismos de topicalização são os movimentos responsáveis por tornarem um sintagma tópico.

¹³ Perini (2006) dedica alguns capítulos às diversas propostas de classificação para as construções de tópico.

¹⁴ Entende-se discurso como “qualquer fragmento conexo de escrita ou fala. Um discurso pode ser produzido por uma única pessoa que fala ou escreve, ou também por duas ou mais pessoas que tomam parte numa conversação ou, mais raro, numa troca de escritos.” (TRASK, 2004, p. 84).

(12) O sapato, tenho de colocar **o sapato** na frente do pesponto

(SANTIAGO, 2002, p. 23; grifos meus)

(13) Quando comecei a correção, os alunos **eles** demonstram gostar da matéria me fazendo muitas perguntas.

(SILVA & ALVES, 2014, p 51; grifos das autoras)¹⁵

Apesar de em (12) os sintagmas serem resultado de um mecanismo de topicalização feito a partir da cópia do sintagma, cada sintagma possui sua própria função, sendo discursiva e sintática – respectivamente. Pois, segundo Perini (2006, p. 196), “em termos de significado, muitas vezes o tópico discursivo funciona como um dos termos da oração – mas o termo está também presente na própria estrutura oracional [ou no seu lugar canônico]”.

A diferença entre o tópico sentencial e o tópico discursivo é que se naquele o sintagma deslocado possui um lugar canônico dentro da sentença, neste o sintagma que inicia a sentença está no plano discursivo, mas ligado à outra sentença sintaticamente completa (PERINI, 2006). Essa definição de Perini possui alguns problemas, já que em algumas construções o termo que inicia a sentença, apesar de não parecer ter, tem um lugar canônico na sentença, como o sintagma *esse carro* em (14), exemplo dado pelo autor para o tópico discursivo:

(14) **Esse carro** o motor tá precisando trocar.

(PERINI, 2006, p. 195; grifos meus).

Em (14) ocorreu o apagamento da preposição do sintagma preposicionado (doravante SP) durante o seu deslocamento. Esse tipo de construção é definida por Araújo (2009) como *topicalização selvagem*, que é a ocorrência de um sintagma nominal regido por preposição, mas é realizado sem ela. Devido a esse apagamento tem-se a impressão que o SN (que faz parte do SP¹⁶) não possui um lugar canônico na sentença, mas apesar de não parecer o sintagma possui esse lugar: O motor *desse carro* tá precisando trocar.

Apesar dessa generalização em relação ao tópico discursivo, concorda-se com Perini (2006) que neste tipo de tópico o sintagma possui uma função discursiva. Ao dizer isso, afirma-se que estudar o tópico discursivo é transpor as fronteira da sentença e interessar-se, também,

¹⁵ Santiago (2002) é um romance e Silva e Alves (2014) uma pesquisa com relatórios de graduandos em Letras.

¹⁶ Segundo Souza e Silva & Koch (1983, p. 30) o sintagma preposicionado tem, como regra simples, a seguinte estrutura: SP = Prep (SN) (Adv).

pelo estudo das condições de produção desta. Portanto, no contexto discursivo¹⁷, o sintagma que inicia a sentença cria “um quadro de referência espacial, temporal ou individual dentro do qual a predicação principal é válida” (CHAFE, 1976 *apud* PERINI, 2006, p. 197). Ou seja, é somente dentro desse quadro de referência que o sintagma topicalizado pode ser interpretado, pois “depende em grande medida dos conhecimentos, expectativas e crenças que o emissor e o receptor têm em comum, somados à inferências lógicas e simples bom senso[,] [...] [limitando] as possibilidades, facilitando a interpretação do restante do comentário” (PERINI, 2006, p. 198).

Com isso, podemos definir o tópico como um componente de interface que deve ser analisado numa perspectiva sintática e discursiva, como propõem Araújo (2006). Para a autora, nessa perspectiva, o tópico não é visto apenas como um constituinte deslocado da sentença, mas como um princípio de direcionamento do discurso, sinalizando o que o falante/escritor pressupõe ser a informação conhecida pelo ouvinte/leitor, podendo ou não ser deslocado de um lugar que lhe é canônico na sentença.

O tópico pode ser analisado sintaticamente, porque quando deslocado à esquerda o tópico é o constituinte que ocorre no início da oração – antes do sujeito, se houver, como em (6B), na qual o sujeito é (*eu*) e o tópico *João*; e, discursivamente, tem a função de retomar o que foi dito antes, estabelecendo a progressão temática do texto. Por isso, neste trabalho, concorda-se com Araújo (2006) que o tópico “sofre movimento para satisfação de algum traço discursivo” (ARAÚJO, 2006, p. 123), não sintático.

No que diz respeito à natureza dos sintagmas topicalizados concorda-se com Pontes (1987) e Araújo (2009) que somente sintagmas nominais, lexicais e pronominais¹⁸ podem ser tópico e que podem ocorrer em qualquer tipo de sentenças, podendo ser tanto “afirmativas, como negativas, exclamativas, interrogativas, assim como encaixadas” (PONTES, 1987, p. 24). E a análise dessas construções sintáticas precisa apoiar-se no discurso, ou melhor, “no limiar entre a sintaxe e o discurso” (PONTES, 1987, p. 15), porque ao mesmo tempo em que o tópico anuncia o tema de um discurso pode possuir uma posição interna na sentença.

¹⁷ Entenda-se discurso aqui como o “estudo das unidades linguísticas amplas, cada uma das quais tem uma função comunicativa definida” (TRASK, 2004, p. 84)

¹⁸ Quem apresenta essa definição de sintagmas nominais, lexicais e pronominais é Araújo (2009), Pontes (1987) fala somente em sintagmas nominais. Neste trabalho, adotaremos a ideia de Pontes já que lexical e pronominal fazem referência aos sintagmas nominais, pois, como afirma Souza e Silva & Koch (1983; p. 16), a configuração do sintagma nominal pode ser de “um *nome* (N) ou um *pronomes* (Pro) substantivo (pessoal, demonstrativo, indefinido, interrogativo, possessivo ou relativo)”. No entanto, essa apresentação de Araújo (2009) será preciso para a desconsideração de alguns dados do (V) ponto da subseção 4.1.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir das considerações apresentadas no primeiro capítulo, o objetivo desta pesquisa consiste na análise da organização sintática dos constituintes pela predicação de tópico-comentário, investigando as CT em uso na fala do semiárido baiano para melhor conhecer a organização sintática dos constituintes no PB. Com esse objetivo, levantou-se a hipótese básica de que todos os tipos de CT elencados por Araújo (2009) podem ser encontrados na fala em uso no semiárido baiano; e como hipóteses secundárias de que a Topicalização do Objeto Direto é a mais realizada (ARAÚJO, 2009); e que os fatores extralinguísticos como idade, sexo e escolaridade não influenciam na realização ou não das CT.

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico que, segundo Marconi & Lakatos (1990, p. 66), “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto” com o material da temática pesquisada. Apesar da pesquisa bibliográfica ter esse caráter de se apoiar no que foi dito, ou mais propriamente de revisão no que corresponde ao material já publicado, ela não é, e não pode ser, uma repetição do que já foi dito, mas deve colocar o dito sobre um novo enfoque, como afirmam as autoras.

Trata-se, também, de uma pesquisa quantitativa-qualitativa: a) quantitativa por levar em consideração a quantidade de construções realizadas pelos falantes, comparando-as com fatores extralinguísticos; b) qualitativa porque o objetivo não é parar na realização ou não das CT, mas analisar o contexto sintático-discursivo que leva o falante a produzi-las ou não e consequentemente propor uma classificação. Dessa forma, selecionou-se no *corpus* todas as construções que apresentavam um estrutura semelhante às CT, seguida de uma análise e classificação a partir da tipologia proposta por Araújo (2009); nesse percurso de seleção, análise e classificação, algumas construções precisaram ser desconsideradas por não estarem dentro do domínio a que se propõem este trabalho¹⁹.

Segundo Araújo (2009) as construções de tópico podem ser classificadas em oito tipos, de acordo com o sintagma que exerce a função de tópico, num caráter sintático-discursivo. Com isso, a autora propõe a seguinte classificação – que serão desenvolvidas no próximo capítulo:

¹⁹ Ver subseção 4.1

(i) **A Topicalização do Objeto Direto (TOD):**

(15) Os pé de café trocô.

(16) A cachaça eu bebo todo dia, se eu todo dia eu fô lá praça.

(ARAÚJO, 2009, p. 235; grifos da autora)

(ii) **O Tópico Pendente com Retomada**

(17) Jogo, naquele tem **o futebol** era mais efetivado ainda.

(18) Eu, **meu** nascimento é daqui mesmo, **minha** residência é aqui.

(ARAÚJO, 2009, p. 236; grifos da autora)

(iii) **O Tópico Cópia:**

(19) Ai o tratô... a careta empurrô **o tratô**, e aí desceu ladêra abaxo lixado.

(20) Agora, Teofil’Otone, num conheço **Teofil’Otone** direito.

(ARAÚJO, 2009, p. 238; grifos da autora)

(iv) **O Tópico Sujeito:**

(21) O carro afundo as rodas...

(22) A desculpa do Nordeste tem muito interesse.

(ARAÚJO, 2009, p. 239; grifos da autora)

(v) **O Tópico Pendente:**

(23) Médico sempre aí nas Serra, nesse Rapa mermo tem um posto.

(24) Batuque aí, botava era um... era um... era um cabuêro com tambô, subia em cima, o ôto ai tocá e... as muieres fazia, sambano.

(ARAÚJO, 2009, p. 241; grifos da autora)

(vi) **Duplo Sujeito:**

(25) A sussuarana, **ela** pensa carnêro tá no mato, que... que ‘cê num tocô, elas vai no rebanho e mata.

(26) E aqueles mele, **eles** é que faz arco.

(ARAÚJO, 2009, p. 241; grifos da autora)

(vii) **A Topicalização Selvagem:**

(27) Futebol, a gente brincava, né...

(28) Ah, lacraria já fui mordido muitas vez.

(ARAÚJO, 2009, p. 242; grifos da autora)

(viii) **O Tópico Locativo:**

(29) Nesse sertão nosso aqui tem cascavel demais.

(30) No eucalipto, eu trabalhei... no tempo da PLANIBA.

(ARAÚJO, 2009, p. 242; grifos da autora)

3.1 O *CORPUS*

Assim, selecionou-se para a composição do *corpus* entrevistas da *Coleção Amostra da Língua Falada no Semiárido Baiano* (ALMEIDA & CARNEIRO, 2008), do projeto que recebe o mesmo nome e que está vinculado ao Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa - NELP, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob a organização das professoras Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro. O *corpus* dessa coleção é composto por 72 entrevistas, distribuídas em 4 volumes, que apresentam as seguintes características: a) têm informantes distribuídos quanto ao sexo feminino e masculino; b) os níveis de escolaridade presente são analfabeto, semianalfabeto, alfabetizado e fundamental; c) com faixas etárias: I: 14 a 30 anos; II: 31 a 60 anos; III: acima de 61 anos.

Dessas 72 entrevistas foram selecionas 9 para compor o *corpus* deste trabalho, que apresentam as seguintes características:

a) Comunidade Regional²⁰:

— 3 inquéritos de Paraguaçu (P);

— 3 inquéritos de Anselino da Fonseca (AF);

— 3 inquéritos de Rio de Contas (RC).

²⁰ Há uma quarta comunidade, mas as amostras da comunidade de Jeremoabo não tiveram representação nesse trabalho.

- b) Faixa etária²¹:
- I faixa etária: 17-30 anos;
 - II faixa etária: 31-60 anos;
 - III faixa etária: 61 anos acima.
- c) Sexo:
- Masculino (M);
 - Feminino (F).
- d) Escolaridade:
- Analfabeto, semianalfabeto ou alfabetizado (A);
 - Fundamental (F).

Optou-se para identificação do informante destacar *comunidade, nome, sexo, idade e escolaridade*:

P-MN.F.III.A

sendo:

- P:** comunidade de Paraguaçu;
- MN:** sigla do nome do informante;
- F:** sexo feminino;
- III:** terceira faixa etária;
- A:** analfabeto.

Contudo, fazem-se necessárias algumas observações:

- (i) Almeida e Carneiro (2008), em suas amostras, utilizaram nas identificações dos nomes dos entrevistados apenas as iniciais dos mesmos²². Para a identificação dos informantes se utilizará essas iniciais, com a observação de que as iniciais que forem ligadas por preposição terão esta suprimida:

- **M. T. dos S.** = MTS.;
- **G. de J. A.** = GJA.

²¹ Essa divisão é uma proposta do autor deste trabalho.

²² Para a identificação de toda e qualquer pessoa ao longo das entrevistas as autoras utilizam sempre iniciais, como *F., L., D.*, por isso atenção aos exemplos, principalmente na subseção 4.2.8.

(ii) Já no que diz respeito à idade, propõe-se uma classificação própria, uma vez que as entrevistas foram selecionadas de 3 volumes da *Coleção* e em cada volume as organizadoras propõem uma divisão de faixa etária. Assim, tem-se:

— **I Faixa:** 17 até 30 anos;

— **II Faixa:** 31 até 60 anos;

— **III Faixa:** acima de 61 anos.

Com isso, a idade será identificada de acordo a faixa etária, em algarismos romanos:

— **(MTS.F.I.)** = MTS: nome do informante; F = feminino; I = faixa etária I;

— **(GJA.M.III.)** = GJA = nome do informante; M = masculino; III= faixa etária III.

(iii) Em relação à escolaridade do entrevistado, fazem-se necessárias algumas especificações como nível e série. Assim, o nível de escolaridade será representado pela sigla correspondente, sendo: A para analfabeto, semianalfabeto ou alfabetizado; F para fundamental; sendo que neste último nível a sigla será antecedida pela série correspondente:

— **(MTS.F.I.4F.)** = MTS: nome do informante; F = feminino; I = faixa etária I; 4F = 4ª série do ensino fundamental.

— **(GJA.M.II.AS.)** = GJA = nome do informante; M = masculino; III = faixa etária III saída da comunidade; A = analfabeto.

No entanto, em algumas entrevistas não se encontrou especificação no que corresponde ao nível de escolaridade, mas devido à especificação da série acredita-se ser do nível fundamental²³, já que nos 4 volumes os informantes não ultrapassam esse nível de escolaridade.

Assim, os informantes são identificados no *corpus* da seguinte forma:

²³ Em algumas entrevistas há somente a série, tipo: **Escolaridade: 1**. Diante disso considerou-se correspondente à primeira série do fundamental, já que em toda a *Coleção* os informantes não passam desse nível de escolaridade.

DADOS DOS INFORMANTES					
Comunidade	Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Identificação no Corpus
Paraguaçu	V	M	43	4F	P-V.M.II.4F.
Paraguaçu	LM	F	59	1F	P-LM.F.II.1F.
Paraguaçu	APS	M	40	2F	P-APS.M.II.2F.
Anselino da Fonseca	MTS	M	73	A	AF-MTS.M.III.A.
Anselino da Fonseca	VML	F	74	A	AF-VML.F.III.A.
Anselino da Fonseca	J	F	± 70	A	AF-J.F.III.A.
Rio de Contas	A	M	25	4F	RC-A.M.I.4F.
Rio de Contas	JAM	M	17	3F	RC-JAM.M.I.3F.
Rio de Contas	IPSL	F	27	3F	RC-IPSL.F.I.3F.

Quadro 1 – Identificação dos Informantes

4 A ANÁLISE DOS DADOS

4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Muito se discute sobre as características da fala e da escrita, ora como sistemas intercambiáveis, ora como sistemas totalmente distintos. Contudo, se como sistemas intercambiáveis ou distintos, deve-se considerar que tanto um como outro são regidos por regras organizacionais diferentes, como afirma Neves (1996 *apud* MORESCHI, 2017) ao dizer que mesmo utilizando-se de um mesmo sistema, ambas as modalidades se diferenciam no que concerne aos métodos de produção, transmissão, recepção e forma de organização; podendo passar do discurso não-planejado ao mais planejado.

Assim, percebe-se que a fala não-planejada²⁴ apresenta mais elementos que rompem com a sintaxe esperada para satisfazer a necessidades discursivas (interacionais) e de progressão textual, nas palavras de Koch (2006, p. 46), o falante chega a “sacrificar a sintaxe em prol de necessidades de interação”. Os elementos responsáveis por essa ruptura na sintaxe são consequência de uma falta de tempo para o planejamento linguístico, pois não há tempo para rascunhos (planeja-se e verbaliza-se), uma vez que sua principal característica é o processamento on-line (face a face). Devido a essa característica “[...] encontram-se no texto falado falsos começos, truncamentos, correções, hesitações, inserções parentéticas, repetições e paráfrases, que funcionam, na maioria das vezes, como estratégias de construção do texto falado [...]” (MORESCHI, 2017; p. 2).

Tornam-se necessárias essas considerações no início deste capítulo pois, além do *corpus* ser formados por inquéritos de fala, durante a análise do *corpus* algumas construções, que devido a questões organizacionais próprias da fala, precisaram ser descartadas, uma vez que para analisar essas construções se precisaria entrar em outros domínios da linguística que não são os objetivos deste trabalho – como Análise da Conversação e Linguística Textual.

Os tipos de construções desconsideradas foram:

(31) — Qual... quais as culturas assim que o senhor planta?

²⁴ Doravante, todas as vezes que houver menção à fala refere-se a esta não-planejada.

— *Mandioca, feijão, milho* (P-V.M.II.4F.).

(32) — Ou já viajou pra fora?

— *Não, nunca saí daqui pra morar em canto nenhum* (P-LM.F.II.1F.).

(33) — Isso é verd... *ficar parado é que não dá.*

— *Ficar parado é que não dá* (RC-IPSL.F.I.3F.).

(I) Apesar de se reconhecer que as estruturas de pergunta-resposta são contextos que permitem a manutenção, retomada e introdução de tópicos discursivos, algumas construções não se encaixam na definição sintático-discursiva do tópico proposta neste trabalho por serem somente respostas a perguntas ou por não retomarem nenhum elemento já dado no discurso (caráter discursivo do tópico), compartilhado entre os interlocutores, ou por possuírem um caráter de reafirmação, contestação etc.

Em (31) percebe-se que *mandioca, feijão e milho* é uma informação nova para o interlocutor, já que não há nada que anteceda essa pergunta na entrevista (é a pergunta que abre o diálogo). Da mesma forma a negação feita em (32) é nova para o interlocutor, porque se estava falando sobre a escolaridade da informante e o documentador interessa-se por saber se ela sempre morou naquele lugar “ou já viajou pra fora”. Já (33) foi desconsiderada pelo fato de não haver nada que complete (um comentário) a cópia da oração *ficar parado é que não dá*. Esse tipo de repetição é comum na oralidade, sendo utilizadas para reafirmar algo já dito²⁵.

(34) *Não gostava de sair não* (RC-JAM.M.I.3F.).

(35) — O senhor gosta de política?

— *Não, não, não. Voto porque sou forçado* (P-V.M.II.4F.).

(36) — [...] aqui é uma cidade boa pra se morar ou ela é violenta?

— *Não. É boa, é boa, aqui é bom* (P-V.M.II.4F.).

(37) Dai foi puxano, o povo foi comprano, compra, puxano, puxano até chegar à rua da Matinha (P-LM.F.II.1F.).

(38) É, [inint] ela fala (RC-IPSL.F.I.3F.).

(39) Ah! Já faz.../ Tá trabalhano de que agora? (RC-A.M.I.4F.).

(40) Era duas, três:: por semana, quando eu saía (RC-JAM.M.I.3F.).

(41) E você... tu... tu disse que estudou até... estudou até a 4 série num foi? (RC-A.M.I.4F.).

²⁵ Recomenda-se: Marcuschi (1996; 2006), Fiorin (2017), Koch (2006), dentre outros autores que se interessam pela Análise da Conversação e Linguística Textual.

(42) Dona A. ali, a mãe de seu colega... como é o nome dele? (RC.A.M.I.4F.).

(II) Como já ficou dito, é comum na fala terem-se truncamentos, hesitações, repetições, correções, alongamento, pois fazem parte do caráter on-line da modalidade em questão. E não sendo o objetivo deste trabalho estudar esses fatores de construção do texto falado, desconsiderou-se construções do tipo de (34) - (42).

Construções como (34) não foram consideradas pelo fato do advérbio, nesse contexto, não estar separado por nenhuma pausa sensível (a vírgula), marca das CT (PONTES, 1986; ARAÚJO, 2009), além desse tipo de construção ser comum na língua falada, podendo ser utilizada como sinal de complementação da informação, marcação de início e fim de turno de fala (ILARI *et al*, 2002; FIORIN, 2017; GALEMBECK & CARVALHO, 2017). Admite-se, portanto, que a cópia dos advérbios em (34) não tem nenhuma função gramatical, discursiva ou narrativa, mas é apenas um preenchedor automático da fala, como estratégia de planejamento desse discurso (TARALLO *et al*, 2002). Já em (35) - (37) a repetição dos sintagmas obedece a um dos três subprincípios de iconicidade: o da quantidade; que, como afirma Defendi (2017, p. 6), diz que “quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma”.

Em (38) e (39) tem-se elementos de transcrição que impossibilitam qualquer tipo de classificação dentro da proposta deste trabalho, já que não há como saber o que não foi entendido ([inint]) e porque houve uma ruptura brusca (/) - respectivamente. Desconsideramos (40) - (42) por entender que a hesitação (...) e o alongamento (::)²⁶ são processos comuns na construção do texto falado, responsável por permitir ao falante organizar seus pensamentos ou encontrar a expressão adequada, colocando em evidência o fato “de que a fala é uma atividade administrada passo a passo e que planejamento e verbalização simultâneos têm consequência no controle do fluxo informacional” (CHAGAS, 2017, p. 3).

(43) O cara que... o cara que dis... foi o cara não que descobriu primeiro que o cara tinha... o morto voltou vivo, ele foi e botou é::... como é mesmo que chama gente (RC-JAM.M.I.3F.).

(44) Se o... o sangue, a mulher, a... foi enterrado, os parente, um dava uma volta, dua... porque ele... ele era... trabalhava de pedreiro, ele sentava... (AF-VML.III.A.).

²⁶ Essas transcrições são de Almeida e Carneiro (2008).

- (III) Os informantes, em alguns momentos das entrevistas, perderam o fluxo da informação dada, ou seja, falaram de tal forma que se torna difícil qualquer classificação possível neste trabalho. Com isso, construções como (43) e (44) foram desconsideradas por se entender que houve uma ruptura “sem função discursiva, resultante de uma ‘perda de controle’ da parte do falante sobre a organização de seu enunciado” (KOCH *et al.*, 2002, p. 147); e, segundo Koch (2002), construções desse tipo podem ser avaliadas de forma negativa já que não são suficientemente claras do ponto de vista semântico.

(45) Qual era a idade assim pra uma moça ficar de namorado na porta *antigamente*? (P-V.M.II.4F.).

(46) *Antigamente* era só a família, os seus irmãos? (AF-MTS.M.III.A.).

- (IV) Durante a análise dos dados, levantou a hipótese de uma topicalização dos adjuntos adverbiais devido a construções como (45) e (46), depois verificou-se que nesse tipo de construção não há uma topicalização, mas consequência da liberdade dos advérbios em relação à sua posição na sentença, como afirmam algumas teorias:

Na análise que a tradição gramatical tem dedicado aos advérbios, convivem duas expectativas até certo ponto inconciliáveis: de um lado espera-se que os advérbios ocorram, nas orações que adotam a chamada ‘ordem direta’, depois dos termos integrantes do predicado; de outro, representa-se o advérbio como usufruindo, no interior da oração, de relativa mobilidade (ILARI, 2002, p. 53).

Com isso, não se desconsidera que essa mobilidade dos advérbios influencie o sentido e a informatividade da sentença, pois, “[segundo Rizzi (2002),] [...] os advérbios podem ser deslocados de sua posição quando ‘requisitados’ para satisfazerem traços criteriais relacionados aos requerimentos discursivos, em atendimento à estrutura da informação” (ARAÚJO, 2017, p. 213). Reconhece-se que essa classe e sua relação com as CT precisa de um tratamento específico, mas que devido a extensão deste trabalho não é possível.

(47) *Sáiram, saíram* nada (RC-JAM.M.I.3F.).

(48) *Gostava*, a gente *gostava* de cantar roda, jogar verso, gosto de arreliar pra arreliar os outo também (RC-IPSL.F.I.3F.).

- (49) *Encascalhar*, pelo menos *escascalhar* ou então dar uma borra de asfalto como fizeram em São José (P-V.M.II.4F.).
- (V) As construções de (47) - (49), apesar de apresentarem uma estrutura semelhante a de Tópico Cópia, na qual o sintagma que inicia a sentença é retomada internamente por um sintagma idêntico, foram desconsideradas pelo fato de o sintagma que inicia a sentença ser um sintagma verbal e, segundo Araújo (2009), o tópico só pode ser realizado por um sintagma nominal, lexical ou pronominal. Assim como os advérbios, esse tipo de construção merece uma atenção maior que devido à extensão desse trabalho não se pode dar aqui, pois, como percebemos em (48), o sintagma verbal anuncia um tópico (o gosto do falante) e depois o desenvolve (faz um comentário).

4.2 AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO *CORPUS*

Inicialmente, foram encontradas no corpus 748 construções que apresentavam uma estrutura semelhante às CT. Contudo, percebeu-se que essas construções precisariam passar por uma análise tomando como base não somente os pressupostos teóricos para as CT, mas também pressupostos teóricos da Análise da Conversação e da Linguística Textual, já que o *corpus* se constituía de entrevistas transcritas de gravações. Feito isso, desconsiderou-se as construções apresentadas na primeira subseção deste capítulo, entendendo que os elementos que apresentavam uma semelhança com CT obedeciam a regras organizacionais próprias da fala. Ressalta-se que foi feito isso somente por não se constituir objeto deste estudo elementos das disciplinas da Análise da Conversação e da Linguística Textual, mas reconhece-se a necessidade de uma análise dessas construções pelo viés dessas disciplinas que devido à extensão deste trabalho não pode ser realizada.

Depois de desconsideradas as construções que apresentavam muitos elementos característicos da fala, ficaram 483 construções que apresentam uma estrutura definida de tópico, seja no plano sintático, seja no plano discursivo.

TIPOS DE CONSTRUÇÕES DE TÓPICO	QUANTIDADE	%
Tópico Pendente	117	24
Tópico Sujeito	81	17
Tópico Cópia	74	15
Tópico Pendente com Retomada	65	14
Topicalização de Objeto Direto	54	11
Tópico Locativo	50	10
Topicalização Selvagem	29	6
Duplo Sujeito	13	3
TOTAL	483	100

Quadro 2 – Quadro Geral das Construções de Tópico

Com o quadro acima percebe-se que na língua em uso de comunidades do semiárido baiano pode-se encontrar um número considerável de CT, classificadas a partir da tipologia proposta por Araújo (2009).

4.2.1 Tópico Pendente

Esse tipo de CT corresponde a 24% das construções realizadas, 117 realizações. E, segundo Araújo (2009, p. 240), esse tipo de construção se caracteriza por apresentar um elemento topicalizado que não possui nenhuma relação sintática com a sentença, somente uma relação discursiva, “ou seja, não há um lugar interno na oração que ele possa ser inserido”; nesse tipo de tópico o sintagma pode vir acompanhado de um determinante, mas que não é obrigatório.

- (50) *Namoro naquele tempo*, namorado ficava na casa da namorada até que horas na casa da namorada? (P-V.M.II.4F)
- (51) *Irmãos*, eu tenho dezesseis, dez irmão e seis irmã (P-APS.M.II.2F)
- (52) *Tapioca*, tem de tirar da... tem de relar a mandioca, colocar água e depois arrumar um saco assim de pano bem fininho, espremer (RC-A.M.I.4F.)

Percebe-se que os SN que iniciam as sentenças não possuem nenhum lugar canônico dentro dela, estabelecendo somente uma relação discursiva. Como em (50) que o SN *namoro naquele tempo* anuncia sobre o que o falante irá falar, funcionando, portanto, como um direcionador discursivo. Da mesma forma em (51) no qual *irmãos* está ligado semanticamente ao comentário; e em (52) as ações que o falante indicar referem-se à produção de *tapioca*.

4.2.2 Tópico Sujeito

Com representação no *corpus* de 17%, ou 81 construções, o tópico sujeito é uma particularidade do português do Brasil, não sendo encontrado em outras línguas românicas (ARAÚJO, 2009). Esse tipo de estrutura sintática tem como característica o deslocamento de um SP regido sem a sua preposição e que se impõe como sujeito, uma vez que mantém uma relação de concordância com o verbo, que geralmente aparece conjugado na terceira pessoa do singular. Com essa concordância “irregular” o argumento externo canônico do verbo tende a aparecer em posição pós-verbal, sem nenhuma concordância sintática com ele.

(53) *A saúde tá bastante bem, não é?* (P-V.M.II.4F.)

(54) *Mato Grosso fica pra'qui óh* (RC-IPSL.F.I.3F.)

(55) *A criação dos filhos, graças a Deus, foi bem* (P-LM.F.II.1F.)

Para além da definição proposta por Araújo (2009) percebeu-se que os sintagmas que iniciam as sentenças podem desempenhar ambas funções, tanto de sujeito, como de tópico; podendo-se levantar a hipótese de que nesse tipo de construção as noções de tópico e sujeito se mesclaram e não se distinguem mais. É o que acontecem com as construções de (53) – (55), nas quais o SN são, dentro do contexto sintático-discursivo, tópico e sujeito. Em (55) o diálogo estava sendo produzido em torno do modo de *criação dos filhos* pela informante, o que a permite continuar o diálogo tomando-o como tópico (informação compartilhada entre os interlocutores) e gerando a concordância sintática com esse mesmo sintagma. Assim, como afirma Munhoz (2011, p. 36), “o próprio nome ‘tópico sujeito’ expressa a ambiguidade de um sintagma que parece cumular duas funções”, seja de tópico, seja sujeito; pois, como apontou Viotti (2017) o tópico discursivamente pode ser definido com aquilo de que se fala e sintaticamente apresentar concordâncias gramaticais atribuídas à função de sujeito.

4.2.3 Tópico Cópia

O Tópico Cópia possui uma representatividade de 15% no *corpus*, correspondendo a 74 construções. Esse tipo de estrutura é a que melhor representa as CT, já que se tem dois sintagma semanticamente idênticos em uma mesma sentença, ou seja, há um elemento topicalizado que inicia a sentença e retomado internamente, na sua posição canônica, por uma cópia desse mesmo sintagma – por isso o nome de Tópico Cópia. Como percebe-se em (56) – (58):

- (56) *Churrasco*, aqui dá muito *churrasco* (P-V.M.II.4F.)
- (57) *Ração*, mas num sustentou dá *ração* não (AF-MTS.M.II.A.)
- (58) *Nessas beira* deve ter muito é veado *nessas beira* assim (RC-A.M.I.4F)

4.2.4 Tópico Pendente com Retomada

Nesse tipo de construção o sintagma que inicia a sentença mantém uma relação semântica com esta, como o Tópico Pendente, com a diferença de que é retomado por um elemento interno à sentença, como “um pronome forte ou clítico, uma expressão genérica, uma categoria vazio” (ARAÚJO, 2009, p. 236) em seu lugar canônico na sentença. No *corpus* esse tipo de construção representou 14% do total, o que equivale a 65 realizações.

- (59) *A vida dos jovens* cê acha que ___ é assim mais... mais livre que antigamente, tem mais liberdade? (P-V.M.II.4F.)
- (60) *Porco* a gente compra um filhote de porco boa, assim, por trinta reais (P-LM.F.II.1F.)
- (61) *Coisa bonita*, aqui essas coisas num tem não (AF-MTS.M.III.A.)
- (62) *Oh mamãe*, ___ enfia a águia da máquina (AF-VML.F.III.A.)

Essas construções apresentam um sintagma topicalizado que estabelece uma relação discursiva com a sentença, uma vez que mesmo estando deslocado à esquerda é retomado internamente, em seu lugar canônico, por um elemento a ele ligado semanticamente: por uma retomada vazia na posição de sujeito da oração subordinada como em (59); estabelecendo

uma relação de continente/contido em (60); por uma expressão genérica em (61); e uma retomada vazia posição de sujeito em (62).

No *corpus*, além dessas, registraram-se as seguintes retomadas:

a) Quantificador:

(63) *O pessoal*, tem uns que chama chácara, outros chama sito, outros chama fazenda, tudo... tudo assim, outros chama que é roça, tudo pa um tem um nome (P-LM.F.II.1F.).

b) Pronome do caso reto²⁷ na posição de objeto direto;

(64) *Rio Juazeiro*, acho ele bem longe (RC-JAM.M.I.3F.)

c) Pronome correspondente²⁸, podendo ocupar qualquer posição na sentença:

(65) *Óh L.*, o homem quer conversar com você também (AF-MTS.M.III.A.)

d) Advérbio:

(66) *E na usina*, sempre teve gente trabalhano lá da sua família? (RC-A.M.I.4F.)

e) Numeral:

(67) *Carroça*, tem uma lá na Barra (RC-A.M.I.4F.)

4.2.5 Topicalização de Objeto Direto

A topicalização de objeto direto é uma construção na qual se tem um SN com função de objeto direto deslocado da sua posição canônica para a esquerda da sentença, ocupando uma posição pré-verbal. Esse tipo de construção teve uma representatividade de 11% do total ou 54 realizações.

(68) *Essa igreja* ainda foi eles que fez, que fizeram (RC-JAM.M.I.3F.)

(69) *O caju mehmo* a hente vende (P-LM.F.II.1F.)

²⁷ Na tradição gramatical esses pronomes desempenham, geralmente, a função sintática de sujeito. Como afirmam Cunha & Cintra (2001, p 276) ao dizer que esses pronomes variam a depender da “função que desempenham na oração”, ou seja, quando forem objetos do verbo devem tomar as formas átonas ou tônicas – pronomes oblíquos. E, apesar de ser “considerado não-padrão pela tradição gramatical, o pronome *ele*, na posição de objeto direto, tem se caracterizado como uma marcado o PB” (SILVA, 2004, p. 41; grifo da autora).

²⁸ Os pronomes referem-se às pessoas do discurso, podendo ser *aquele que fala*, *com quem se fala* e *do que se fala*; a cada função dessas existem pronomes correspondentes. Assim, neste trabalho, refere-se à pronome correspondente a partir do papel que o tópico ocupado no discurso, como em (65) *L.* é com quem se fala, logo o pronome correspondente será *você*.

(70) *Manaíba*, ninguém acha pa plantar, que acabou tudo (AF.J.F.III.A.).

Todos os SN que iniciam as sentenças em (68) – (70) desempenha uma função sintática de objeto direto. Diferente dos dados de Araújo (2009) esse tipo de tópico não teve uma grande representatividade dentro do *corpus*.

4.2.6 Tópico Locativo

No Tópico Locativo tem-se um sintagma nominal indicando lugar deslocado à esquerda da sentença devidamente regido por sua preposição.

(71) *Em São Paulo* o senhor ficou quanto tempo? (P-V.M.II.4F.)

(72) E *em Mato Grosso*, você vai sempre? (RC-A.M.I.4F.)

(73) *Na cidade*, o prefeito tem dado muita casa fechada, mas a gente aqui nunca deu (RC-IPSL.F.I.3F.).

(74) *No São João* tem muita coisa (RC-A.M.I.4F.).

(75) E *de abacaxi*, como é que faz? (P-LM.F.II.1F.)

(76) É *no inverno* faz bastante frio, né? (RC.JAM.M.I.3F.)

Segundo Araújo (2009), nesse tipo de construção somente um SN com ideia de lugar, acompanhado por sua preposição, pode-se caracterizar como locativo. Contudo, durante a análise dos dados percebeu-se que alguns SN apareciam regidos por preposição, mas que não apresentavam ideia de lugar, como os sintagmas em (74) – (76). Diante disso, considerou-se o Tópico Locativo como o deslocamento de qualquer SN, com ou sem ideia de lugar, para o início da sentença regido por sua preposição.

4.2.7 Topicalização Selvagem

Esse tipo de construção corresponde a 6% das construções, ou 29 realizações. Nesse tipo de CT, diferente do Tópico Locativo, tem-se um SN deslocado para o início da sentença sem a regência de sua preposição, ou seja, durante o deslocamento a preposição foi apagada.

- (77) *Casamento*, não dou, eu não tou achano graça (AF-VML.F.III.A.)
- (78) E *o sal*, cê falou? (P-LM.F.II.1F.)
- (79) *Curador e crente* não quero nem conversa (AF-MTS.M.III.A.).

4.2.8 Duplo Sujeito

Duplo Sujeito ou Cópia Pronominal é o tipo de construção que apresentam um SN na posição de tópico, sendo retomado por um pronome pessoal na posição canônica de sujeito. Ocorreram 13 realizações desse tipo, com um correspondente de 3%²⁹.

- (80) *F. tu* vai trabalhar (AF-VML.F.III.A.)
- (81) *A mãe de D.*, ela faz óleo, né? (RC-A.M.I.4F.)
- (82) É, *L.*, você num sai daqui, cê fica aqui, num sai daqui (P-LM.F.II.1F.)
- (83) *Vereadores* eles não vem aqui também? (P-APS.M.II.2F)

4.3 AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO E OS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Nessa subseção propõem-se uma relação dos dados com fatores extralinguísticos, tomando como base alguns pressupostos da sociolinguística, entendendo-se que os fatores “mais atuantes parecem ser *idade, sexo, nível sócio econômico e formação escolar*” (NARO, 2004, p. 16; grifos meus) – o fator socioeconômico não foi levado em conta neste trabalho. A partir da relação dos dados com esses fatores extralinguísticos pode-se entender o evento como algo

²⁹ Como ficou dito, as siglas (*F., D., L.*) são abreviações de nomes de pessoas ao longo das entrevistas.

estável ou processual a partir da faixa etária; se há condicionadores de heterogeneidade linguística como o sexo; ou se a realização ou não dessas construções está ligada à escolaridade do falante – contudo, com essa relação não se busca dar por encerrada qualquer discussão a cerca da influência dessas variáveis nas produções linguísticas (MOLLICA, 2004), mas desconstruir, entre outras, a ideia de que as CT são realizações de falantes não escolarizados.

4.3.1 A Faixa Etária

Relacionando a faixa etária com as construções de tópico realizadas tem-se o seguinte quadro:

TIPOS DE CONSTRUÇÕES DE TÓPICO	FAIXA I		FAIXA II		FAIXA III	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Tópico Pendente	42	9	42	9	33	7
Tópico Sujeito	43	9	16	3	22	5
Tópico Cópia	32	7	27	6	15	3
Tópico Pendente com Retomada	31	6	23	5	11	2
Topicalização de Objeto Direto	32	7	11	2	11	2
Tópico Locativo	27	6	17	4	6	1
Topicalização Selvagem	15	3	6	1	8	2
Duplo Sujeito	7	1	2	0	4	0
TOTAL	229	48	144	30	110	22

Quadro 3 – Tópico e Faixa Etária

A faixa etária pode mostrar, como já ficou dito, o caráter estável ou processual da mudança. Estável quando a mudança já foi consolidada e processual quando ainda está no processo de consolidação. No quadro, percebe-se uma maior tendência da faixa etária I para a produção de CT, seguida da faixa II e III. Isso mostra que as construções de tópico começam a ser usadas com uma maior frequência por falantes jovens, que por sua vez podem, futuramente, tornar estável esse processo de mudança na organização sintática dos constituintes no PB. Observe-se, ainda, que mesmo sendo a Faixa I a que detêm a maior porcentagem de realizações de CT, as faixas II e III – que são de falantes mais velhos – não ficam tão atrás assim, detendo juntas

52% das realizações (254), mostrando que esse tipo de construção não apareceu neste século, mas já era realizado em séculos passados, como demonstra Araújo (2006, 2007) em seus estudos com o português dos séculos XVIII e XIX.

4.3.2 Sexo

No que corresponde à relação entre construções de tópico e sexo dos falantes, tem-se:

TIPOS DE CONSTRUÇÕES DE TÓPICO	SEXO			
	F	%	M	%
Tópico Pendente	59	12	58	12
Tópico Sujeito	31	7	50	11
Tópico Cópia	30	6	44	9
Tópico Pendente com Retomada	30	6	35	7
Topicalização de Objeto Direto	21	4	33	7
Tópico Locativo	20	4	30	6
Topicalização Selvagem	13	3	16	3
Duplo Sujeito	8	2	5	1
TOTAL	212	44	271	56

Quadro 4 – Tópico e Sexo

Nos processos de mudança, segundo Mollica (2004), as mulheres possuem uma maior tendência a conservar a forma de prestígio. Com isso, percebe-se que na realização ou não das CT, uma forma não prestigiada, as mulheres possuem uma frequência menor que a dos homens. Acredita-se que isso é consequência da atitude conservadora das mulheres diante de uma variedade não prestigiada. Contudo, o fato de a diferença entre a realização das CT entre homens e mulheres não ser tão grande, 12% (59 construções), mostra que esse tipo de construção começa a ganhar um status dentro do PB – língua em que há tanto construções de tópico como construções de sujeito, como construções distintas, como afirmou Pontes (1987).

4.3.3 Escolaridade

No quadro abaixo, tem-se a relação das construções de tópico com a escolaridade dos falantes:

TIPOS DE CONSTRUÇÕES DE TÓPICO	ESCOLARIDADE			
	Analfabeto	%	Fundamental	%
Tópico Pendente	33	7	84	18
Tópico Sujeito	22	5	59	12
Tópico Cópia	15	3	59	12
Tópico Pendente com Retomada	11	2	54	11
Topicalização de Objeto Direto	11	2	43	9
Tópico Locativo	6	1	44	9
Topicalização Selvagem	8	2	21	5
Duplo Sujeito	4	0	9	2
TOTAL	110	22	373	78

Quadro 5 – Tópico e Escolaridade

Como afirma Votre (2004), a escola influencia aqueles que a frequentam, gerando mudanças na sua forma de falar e conseqüentemente na fala de suas comunidades, mas muitas vezes esse caráter de mudança tende a ser de conservação de uma forma prestigiada, contudo, no *corpus* deu-se o contrário, falantes que frequentaram a escola, ainda que os anos iniciais, produziram mais que a metade das CT encontradas (78%). Com isso, pode-se perceber que a realização ou não das CT não está ligada ao não conhecimento do falante de regras de concordância, organização sintática etc., mas de uma escolha do falante em relação à língua que está usando, com considerações sobre a importância ou não de determinado constituinte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As construções de tópico são realizações dentro do PB que apresentam uma outra organização sintática a partir do caráter funcional dos sintagmas. Sendo assim, essa forma marcada é responsável por explorar possíveis posições sintáticas dentro da língua, podendo afastar-se da ordem canônica estabelecida. Assim, a homogeneização linguística proposta pelos compêndios normativos não se justifica, visto que o PB pode organizar-se, como língua de terceiro tipo (Li & Thompson 1976 *apud* PONTES 1987), numa predicação tanto de sujeito-predicado, como tópico-comentário, licenciando sentenças SVO e Tópico-Comentário. Nesse tipo de sentença o tópico é visto como um componente de interface, ou seja, sua análise deve partir da perspectiva sintática e discursiva (ARAÚJO, 2006), visto que, como constituinte deslocado da sentença, possui um lugar canônico, mas é também um direcionador daquilo que será dito.

De acordo com os objetivos propostos neste trabalho pode-se perceber que os tipos de CT propostos por Araújo (2009) puderam ser encontrados na variedade em questão e com uma quantidade de realizações considerável (483 construções). Contudo, diferente do trabalho da autora, o tipo de construção mais representativa no *corpus* foi Tópico Pendente, seguido pelo Tópico Sujeito e Tópico Cópia, evidenciando, assim, o caráter mais discursivo do PB.

No que corresponde aos fatores extralinguísticos, percebeu-se que o fator que mais influencia a realização ou não das CT é a faixa etária, já que falantes mais novos possuem uma tendência a produzir mais esse tipo de construção, o que possibilita levantar a hipótese de uma mudança em processo no que corresponde a organização sintática dos constituintes no PB. No fator *sexo* as mulheres tendem a conservar as construções de tipo sujeito-predicado, forma prestigiada, enquanto os homens possuem uma maior representatividade das CT. Contudo, a diferença entre homens e mulheres foi somente de 59 construções (12%) o que evidencia a aquisição de um status das CT dentro do PB. No que corresponde à escolaridade falantes escolarizados produziram mais CT, 263 construções, do que falantes não escolarizados, comprovando que a realização ou não dessas construções é uma escolha do falante em relação a informatividade e não consequência de uma falta de escolarização. Portanto, pode-se perceber que os fatores extralinguísticos influenciam a realização ou não das CT, principalmente o fator etário e escolar.

Com isso, constatou-se neste trabalho que o PB é uma língua que possibilita ambas organizações sintáticas, tanto de tópico-comentário, como de sujeito-predicado, e que essas construções não devem ser consideradas nem superiores, nem inferiores, mas realizações possíveis dentro da proposta de produção do falante, seja ele homem ou mulher, jovem ou velho, escolarizado ou não.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (orgs). Coleção **amostras da língua falada no semiárido baiano**. Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira de Santana, 2008. 4 CDs.

ARAÚJO, Edivalda Alves. **As construções de tópico do português dos séculos XVIII e XIX: uma análise sintático-discursiva**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2006.

_____. A posição dos tópicos no português dos séculos XVIII e XIX. *In*: PACHECO, Vera; SAMPAIO, Nirvana Ferraz Santos. **Pesquisa em Estudos da Linguagem IV**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.

_____. As construções de tópico. *In*: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CHAGAS, Carmen Elena das. **A hesitação: um fator de processamento linguístico no texto falado**. Disponível em < <http://www.filologia.org.br/revista/40/a%20hesitacao.pdf>>. Acessado em 30 de jan. de 2017.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Antônio Sérgio Cavalcante da. **Estrutura Tópico-Comentário: a tradição gramatical e o ensino de redação**. Disponível em < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/download/5164/3787>>. Acessado em 25 de julho de 2016.

DEFENDI, Cristina L. **Reduplicação e Gramaticalização: algumas análises**. Disponível < http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/06_1.pdf>. Acessado em 30 de jan. de 2017.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999.

FIORIN, Rosalia Perrucci. **Repetição: uma estratégia de construção textual vivaz na oralidade**. Disponível em < <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/viewFile/1965/pdf>>. Acessado em 29 de jan. de 2017.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; CARVALHO, Kelly Alessandra. **Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo**. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4100/2746>>. Acessado em 31 de janeiro de 2017.

GALVES, Charlotte. **Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro**. Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 34, p. 19-31, jan./jun. 1998.

HORA, Dermeval da; BALTOR, C. Estudo variacionista do objeto anafórico no falar pessoense. *In*: CASTILHO, Ataliba et al. (orgs.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007.

ILARI, Rodolfo *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. *In*: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Gramática do português falado**. Vol. 1. Campinas: UNICAMP, 2002.

KATO, Mary A. **Tópico e Sujeito: duas categorias na sintaxe?** Disponível em <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3104/4074>>. Acessado em 06 de julho de 2016.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore G. V. *et al.* Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. *In*: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Gramática do português falado**. Vol. 1. Campinas: UNICAMP, 2002.

_____. Especificidades do texto falado. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida A. S.; KOCH, Ingedore G. V. (Org.). **Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: UNICAMP, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1990.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. *In*: KOCH, Ingedore G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. Vol. VI. Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. Repetição. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida A. S.; KOCH, Ingedore G. V. (Org.). **Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: UNICAMP, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

MORESCHI, Camila Cristiane. **A repetição como estratégia de construção textual em elocuições formais**. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/18t.pdf>>. Acessado em 30 de jan. de 2017.

MUNHOZ, Ana Terra. **A estrutura argumental das construções de tópico-sujeito: o caso dos sujeitos locativos**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Brasília: Brasília, 2011.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PONTES, Eunice Souza Lima. . **Sujeito:** da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática, 1986.

____. **O Tópico no Português do Brasil.** Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

PERINE, Mário. **Princípios de linguística descritiva:** introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

SILVA, Maria Cristina Vieira de Figueiredo. **O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2004.

SILVA, Francisca Cordelia Oliveira da; ALVES, Scheyla Brito. A topicalização e outros deslocamentos: aspectos morfossintáticos e semânticos. *In:* BORTONI-RICARDO, Stella Maris *et al.* **Por que a escola não ensina gramática assim?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SILVA, Jacson B.; ARAGÃO, Cleber A.; PARCERO, Lucia Maria de J. **Português do semiárido:** construções de tópico ou figuras de sintaxe? Disponível em <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/completo/Portugu%EAAs%20do%20semi%Elrido%20-%20JACKSON.pdf>. Acessado em 11 de out. de 2016.

SILVA, Jacson B.; PARCERO, Lucia Maria de J. **Um estudo do Português do Brasil: construções de tópico ou figuras de sintaxe.** Disponível em <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO23/67supl/088.pdf>>. Acessado em 29 de maio de 2017.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de; KOCH, Ingedore Grufeld Villaça. **Linguística aplicada ao português:** sintaxe. São Paulo: Cortez, 1983.

VASCO, Sérgio Leitão. **Construções de tópico na fala popular.** Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2006.

VIOTTI, Evani. **Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais.** Disponível em <<https://revistas.gel.org.br/rg/article/download/285/190>>; acessado em 22 de fevereiro de 2017.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In:* MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

BRAGA, Maria Luiza (org). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

TARALLO, Fernando. **Tempos lingüísticos:** itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

_____ *et al.* Rupturas da ordem de adjacências canônicas no português falado. *In:* CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Gramática do português falado.** Vol. 1. Campinas: UNICAMP, 2002.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística.** Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.